

## Treze anos depois

O autor do método não tem biografia. A sua biografia consiste simplesmente no seu método.—  
Dolivaes Nunes.

A aversão que nutrimos pelo jogo, desde que ante nossos olhos de mero espectador perpassou uma enfiada imensa de miserias sociais provocadas por esse cancro, cuja estirpe radical e imediata se impõe, afim de libertar dos seus perniciosos efeitos os aglomerados humanos, justifica plenamente as palavras que, sem pruridos de linguagem e um acanhado estilo, aqui consagramos ao unico método até hoje conhecido—não tão vulgarizado como seria para desejar—capaz de domar e aniquilar a gananciosa e desmedida ambição dos indivíduos que do jogo fazem rendosa e lacrativa profissão. Elas, porém, embora pareçam apaixonadas a quem não conheça o nosso espirito reto e justiceiro, são contudo a expressão sincera e franca da verdade como melhor a sabemos e podemos exprimir e não tal qual a sentimos, porque o nosso acanhado cerebro e manifesta incultura são sufficiente garantia de que elas não traduzem fielmente o nosso pensamento. E não são dedicadas ao autor do método, nem é de consentir atenta a sua inultrapassavel modestia que o caracteriza e enobrece; e se antes de as escrevermos sollicitásemos a sua opinião, estamos convencidos do que ela seria curta e decisiva: «Tudo para o método; nada para o autor. Os homens desaparecerão; as idéas ficam.»

O problema do jogo, ou antes a sua solução, tem, através dos tempos, prendido a atenção de mathematicos illustres; de não menos illustres economistas; de sinceros e apaixonados moralistas; de doutos e abalizados sociólogos; de eminentes e consagrados estadistas.

Sumidades de quase todos os ramos do saber humano, cada uma a seu modo, conforme as suas aptidões, predilecções e afinidades em medida das suas forças, tem-lhe consagrado o melhor do seu saber; sem lhe regatear esforços e abnegação dignos, se não do nosso acatamento na forma, pelo menos do nosso respeito no fundo, pois todos, uns e outros, tem em vista o mesmo objectivo e a todos a mesma preocupação absorve: a extinção do jogo!

Sob o seu triple aspecto, moral, economico e social, este transcendente problema tem encontrado supostas soluções, qual delas melhor idealizada e architectada na mente privilegiada das *aguias intellectuales*, embora os seus resultados práticos, aliás, sedutores e convincentes em teoria, se reduzem a zero na prática; o menor sopro da realidade desfaz em pó os mais roseos sonhos de anos e anos passados em locubrações e vigílias á espreita do enigmático X que densa nuvem de regiões ignotas esconde através da sua opacidade aos olhos de namorados sonhadores.

Foi o que succedeu a Jean de Alambert, famoso geometra francês, que inventou a celebre progressão que tem o seu nome; foi o que aconteceu a Arnot de Rivière, autor do livro *La Roulette et le Trente et Quarante* escondido sob pseudonimo *Martin Gall*; foi o que succedeu ao sr. Afonso Costa, perseguindo o jogo com leis proibitivas e coercitivas de efeitos nulos.

Logo, em vista dos resultados negativos a que até então haviam chegado os inventores de tais sistemas e seus continuadores, impunha-se, a quem tentasse prosseguir no estudo de tam complexo fenómeno, a applicação de um método scientifico experimental que solucionasse na prática o que, supunha-se, em teoria estava ha muito tempo já solucionado. Foi o que fez, ha 13 anos, no dia d'hoje, o sr. Dolivaes Nunes.

Já antes, éle insinuára a alguém que conhecia um método scientifico idealizado por si, de resultados seguros para domar a roleta nas suas diversas *chances*. Admiravel sinceridade! A imprensa—salvo as naturais excepções á regra geral—que de tais afirmações teve conhecimento, despejou-

lhe em cima aos baldes, calúnias e suspeições, á mistura com dúbias e ambíguas prevenções aos incautos contra quem aventava semelhantes idéas a proposito de um problema que, insolvel no principio, insolvel continuaria pelos seculos fóral. Outros então, incrédulos e ao mesmo tempo fanáticos crentes, desprezando o paradoxo, impavam basófilas de metafísticos illustres, asseveravam que o homem era impotente, fosse qual fosse o meio que empregasse, para ganhar á roleta, pois isso implicaria manifestamente a negação absoluta da sorte que é quem decide do ganho de uns e do prejuizo de outros.

Reagindo contra a influencia deletéria de semelhante ambiente insuflado de calúnias e suspeições, foi que Dolivaes Nunes, em 1902, quebrou os dentes peçonhentos ás viboras que rasteiramente, velhacamente, acanhadamente, vomitavam a baba virulenta sobre o seu nome e a sua obra.

Mas não parou aqui a furia dos seus doutos contendores: arautos duma cruzada *sagrada* em que empregavam todos os seus esforços e conhecimentos, á falta de outros argumentos, propalavam que quem até ali tinha feito *caixinha* de tam sublime descoberta, usara apenas de um *truc* para lucravar com a venda da obra que então apparece no mercado a iniciar o postulado do método Dolivaes.

O autor da *Arte de ganhar á roleta*, segundo éles, dava o seu método á publicidade, não por altruisimo, não por amor a uma causa nobre, a extinção do jogo, mas antes por egoísticos interesses mercantilistas próprios de usurarios avarentos, não tendo o método valor algum que o recomendasse, a não ser o merito de ila lir papalvos que o lessem e nele acreditassem. Dolivaes porém, viu, ouviu, riu, sorriu, encolheu os ombros e andou. «Deixa-los fala-los». O tempo, o grande mestre, convence-os ha da justiça que me assiste, do móbil que me determina, des fins a que aspiro.»

E, de facto, assim foi.

O jogo, na sua evolução histórica, talvez por ter encontrado nas sociedades humanas terreno propicio ao seu máximo desenvolvimento, progrediu vertiginosamente e estendendo os seus compridos tentáculos de um ao outro confim do nosso esauero e triste planeta. E' evidente que na sua infancia constituia um banal brinquedo de crianças, ou um innocente divertimento entre amigos como passatempo; mas submetido ás leis que o regem e deminiam, conforme se ia aperfeiçoando, ia tomando cada vez maior incremento, alastrandose poderosamente entre os povos e sempre accentuando a sua degeneração para o vicio, o que equivalia a uma evolução regressiva.

Mais tarde, desenvolvendo-se por si mesmo constituiu devaneio de senhores nas horas de ócio; e não nos recorda agora que soberano francês mandou pintar pelos melhores artistas do seu tempo luxuosos baralhos de cartas com que entrelinha nos momentos de bom humor os fámulos e palatinos do seu rial séquito civil. Isso, porém, não impediu que o jogo, por distracção, se estendesse ás camadas populares; e entre estas, sob o ponto de vista da delinquência, os seus efeitos tem sido descomunalmente trágicos, revelando-se um poderoso dissolvente dos caracteres morais dos individuos que desconhecem, pela sua educação ancestral e rotineirismo náutico, as mais elementares noções da temperança.

Do que tem sido a sua nefasta influencia nas esferas burguesas, nem vale a pena falar, de mais quando são sobejamente conhecidas as desunioes familiares, os suicídios, os assassinatos, o desbaratamento de grandes fortunas amontoadas á custa do suor dos explorados e que empregadas em actos de solidariedade humana teriam minorado, embora momentaneamente, átribulações e misérias em muitos lares onde não abunda o conforto e escassa o pão, (ão comum na parte da humanidade que trabalha e sofre. Todavia, almas rebelles ás mais rudimentares noções do humanismo sempre predispostas a mercadejar com a miséria alheia, continuamente sollicitas

para tripudiar sobre as desgraças de míseros, ingenuos, ignorantes, dando largas á sua ambição rapace, calculada e audaciosamente armaram barracas de tavolagem onde, sobre um suggestivo pano verde, se alinhavam séries de números sedutores, cada um embriagando os incantos espectadores que por simples curiosidade entraram a admirar o rodopiar sonoro da encantadora bolinha, nos seus cenciados movimentos circulatorios, como a dizer-lhe por música: «Agora, saio eu; sou o felis... vá lá, 36! Mas em vez daquêle número que, para a mente obsecada por tão estranha sugestão, era o que ia despejar nas magras bolsas, castelos e castelos do vil metal sonante, a rir-se sardonicamente da ingenuidade desmedida do ponto desapontado com mais uma travessura da sorte, o número felis era—quem o havia de dizer!—o double de zero! A sorte,—não te rias, ó desarente!—a sorte era o alvo de todas as recriminações surdas dos patos *depenados* pela astúcia dos *senhores* profissionais da industria da roleta, que das alfurjas passou para os salões, para os casinos, instalando-se em seguida, luxuosamente, nos cafés das praias refinando cada vez mais esta modalidade do roubo autorizado e legalizado.

A industria era rendosa e lacrativa! Fregueses não faltavam a garantir a sua estabilidade, fomento e desenvolvimento. Foi o que se fez.

Um dia um homem joga e perde; mas teve ao mesmo tempo a intuição de que com um método convenientemente estudado, talvez se pudesse bater a roleta em todas as suas *chances*. E esse homem era Dolivaes Nunes; o método era o método *Dolivaes*.

Neste rápido bosquejo histórico, atento o minguado espaço de que dispomos não podemos, embora sucintamente, estudar a evolução do método. Não enumeramos autores, propagandistas ou continuadores da obra de Dolivaes. Não queremos deixar transparecer neste artiguelho, escrito ao correr da pena, ressaibos de simpatia por uns que não por outros, quando todos, melhor ou pior, mas todos com igual vontade de acertar lhe tem dedicado igual soma de abnegação e carinho; e na impossibilidade de aqui estamparmos os titulos das obras publicadas sobre o método, que constituem já uma fértil bibliografia, accentuaremos apenas as intenções e propositos: extinguir o jogo, jogando. Parece um paradoxo; e, no entanto, é a unica maneira de, sem ofender a liberdade individual, pôr fim a tão degradante profissão, a tão prejudicial vicio!

Já uma vez a proposito do jogo escrevemos: «Da tavolagem á taberna é um passo. Com outro passo esta-se na prisão». Hoje repetindo o que então escrevemos, a melhor propaganda que podemos fazer contra o jogo, como profilaxia social é a conselhar a leitura do método Dolivaes.

Gulphihares, 7—I—1915.

COSTA JUNIOR.

## Mancha da «kultur»... em França

O primeiro número do *Germinal* inseriu, sob o titulo de *Mancha da «kultur»*, o seguinte:

No seu livro *A Patria delea*, o bem conhecido Hervé insere umas quatro amostras de canções patrióticas alemãs, reanúdas num manual escolar. Frases das duas últimas:

«Cuidado! Se se mexera, se dão um passo para nós, apanham mais uma tarefa, e por forma definitiva, oh pilhas descaradas!»

«Havemos de derrubar as muralhas insolentes de vossa Ascalon; havemos de arrasar as vossas cidades, e ninguém mais poderá reconhecer onde Ascalon—Paris existiu e onde os franceses viveram!»

«Salvé, rei Guilherme, herói pio e forte! Hurrá! O teu povo inteiro te aclama Hurrá! Olha bem para nós e terá occasião de ver como tostamos rijamente os franceses!» «Avante! avante! Moomocemos a dança! Hurrá! hurrá! hurrá! A Paris! Paris é o nosso objectivo! Nossos pais já por duas lá estiveram. Também nós lá estaremos em breve. Vitória! Cantemos o velho estribilho: Hurrá! é carregar, carregar sobre os franceses!»

Que cerebro infantil, exaltava com razão o redactor da *Guerre Sociale*, seria capaz de resistir a uma tal suggestão, a estas exaltações perigosas! E nós exclamamos por nossa vez:—que procedimento havia a esperar de quem recebeu semelhante educação, senão é esse de que nos tem vindo os ecos?

Conhecemos os redactores do *Germinal* e sabemos que não se pode tratar aqui senão de um descuido—e talvez de um pbozo daquela «paixão cega» de que éles parecem dispostos a ver um argüeiro no olho do vizinho...

Porque o manual escolar que reúne aquêlas canções alemãs, traduzindo-as, não é alemão; é francês—*Le Petit Français*, de Ch. Bigot.

Hervé não nos diz se éesses cânticos, que realmente mais parecem cânticos de guerra duma tribo selvagem, se encontram também num manual escolar alemão. Pela referência a Guilherme I da Prússia e ás duas anteriores entradas em Paris (1814 e 1815), são provavelmente cânticos guerreiros de 1870. O que Hervé diz (*Leur Patrie*, pág. 41) é que, um autor dum manual escolar os reuniu para mostrar aos pequenos escolares franceses até que ponto éles são detestados do outro lado do Reno.

A sua publicação num jornal ou livro para adultos já constituiria uma provocação ou uma baixa especulação, baseada numa aventureira psicologia colectiva, numa generalização dos sentimentos dos atacados de demência guerreira e patriótica a todo um povo, no intuito de provocar ódios e... lucrativos armamentos. Mas isso, enfim, podia apresentar o mau pretexto da necessidade de acautelar o país contra uma invasão... que já se havia verificado...

O caso, porém, é pior: tratava-se de infiltrar no coração dos franceses, desde a infancia, o ódio ao tentão.

Vê-se, pois, que os camaradas do *Germinal* se feriram gravemente na arma que manearam. E' o inconveniente de brincar com armas perigosas...

## GERMINAL

Apareceu o primeiro número d'este trimensário anarquista, já préviamente anunciado por nós, com redacção em Lisboa, rua da Barroca, 51, 3.º. Custa avulso um centavo e doze centavos cada série de doze números.

O aspecto material é magnifico e excelente a sua colaboração.

Sob o cabeçalho, como lema, inscreva a frase de Reclus: «Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia», principio aceito pelos anarquistas todos e pelos anarquistas mais do que por ninguém.

Os homens que se acham á frente do novo periódico, amigos que bem sinceramente estimamos, são-nos seguro penhor de lialdade, boa fé e intelligência.

Há nisso para nós um duplo motivo de satisfação, sendo provável que com éles tenhamos de travar vivas polémicas, que evidentemente não é possível nem útil evitar nesta occasião pouco vulgar.

O *Germinal* não surge, porém, sem dúvida só para combater a nossa opinião ou para discutir a attitude dos anarquistas... em França. Por isso haverá decerto entre nós muitos pontos de acórdio—e não perdemos a esperança de que éles venham a alargar-se e a multiplicar-se no futuro, sobretudo quando tiver passado esta dolorosa crise.

Viva, pois, e *Germinal*—gritamos nós de todo o coração.

## BIBLIOTECA A VIDA

Mais uma vez lembra a todos os agentes e demais camaradas que tenham vendido folhetos e livros, de que esta *Biblioteca* é responsavel, a fim de saldarem o mais breve possível as suas contas para não ser prejudicada a sua acção de propaganda e mesmo para satisfazer os compromissos tomados com outros grupos e casas editoras.

Assim, espera que todos os individuos a quem se dirige cumpram o seu dever para bom andamento dos trabalhos e para bem da propaganda.  
G. M. Alves, secretario.

## O PAUPERISMO

E' o problema mais transcendente hoje como sempre, e constitue a maior e mais terrivel nodosa dos povos civilizados: problema insolucionado, apesar de tantos sociologos iminentes lhes virem dedicando aturado labor, e mesmo vidas inteiras de estudo e de investigação; é o factor de todos os sofrimentos e mais maléfico, pelo seu carácter de permanencia: origem de todos os vicios e crimes que envolve a vida social em lutas ferozes.

Cada sociologista, ingenuamente tem, conforme o seu criterio, preconizado elixires para debelar esse pauperismo mortifero, que tão cruelmente deshumanisa a humanidade; e procurando resolver esse problema ainda ninguém encontrou o x redentor que ha de aproximar os homens num amplexo solidario e fraternal.

Nem o estado com as suas assistencias mentirosas; nem a burguesia com a sua hipocrita filantropia e menos ainda a igreja com o seu socialismo catolico ou as suas melifluas réas e sermões, tem conseguido diminuir sequer um zero á imensa legião dos esfomeados pela suprema razão de que são essas mesmas entidades que, pela absorção violenta de todo o trabalho alheio dão causa ao pauperismo, indispensável á sua crimiosa existencia.

O Pauperismo existirá apesar de todas as panaceas officiaes e particulares, enquanto houver ignorancia, e esta só muito lentamente irá desaparecendo, mercê do entrave que lhe opõem as classes dominantes, pois assim é preciso á orgia capitalista.

Só pela miseria dos povos se torna possível o seu predomínio pelas castas privilegiadas que, cumulada de riquezas e confortos é ainda a essa miseria, fonte do seu bem estar, que élas vão buscar a força oprimora que a ha de esmagar. E' com ela que organisam os numerosos exercitos para defender a patria que vilmente exploram, e por fim, os párias inutilizados e exaustos de cansaço por um excesso de trabalho e diminutissima alimentação são o entulho dos hospitais e dos cemiterios, onde vão dar pasto aos vermes ao lado dos suntuosos mausoleus, supremo escarneo, lançado ás faces da miseria no proprio campo que irreverente e irrisoriamente se denomina campo da igualdade mas que nós denominaremos campo da ultima mentira, da ultima afronta, do ultimo sarcasmo cuspidos nos instrumentos, agora inúteis, da sua exploração.

Destruir o pauperismo quando os trabalhadores rurais auferem uns salarios mesquinhos, que apenas lhes chegam para não caírem de fome; quando o operariado industrial, nos grandes centros de produção, sente cada dia encarecer-lhe a vida e diminuir-lhe igualmente o salario, sem contar com dias perdidos em folgas farçadas, originadas em faltas de trabalho isto com relação aos homens porque, enquanto ás mulheres, se compulsamos as estatísticas, que são raras, porque delas entre nós pouco se tem cuidado, chega a ser espantoso o que se apura.

A classe mais infamemente explorada é sem duvida a das costureiras de roupa branca, que, trabalhando mais de 16 horas em média cada 24, não atingem uma média de salario superior a 200 réis; para exemplo citaremos o seguinte preço: por manufatarem umas ceroulas 30 réis, tendo ainda de fornecer á sua custa os aviamentos!!!... E' por isso que esta desventurada classe fornece elevado contingente para a prostituição e para a tuberculose. Isto é apenas um palido colorido, é zero, comparado ás incalculaveis miserias humanas que se acoitam nos meandros de todas as grandes cidades. Dêste modo, como poderemos esperar, a não ser pelo esforço de nós mesmos, a destruição das causas do nosso sofrimento?

Se a miseria, como diz Malthus tivesse por causa principal um excesso de procreação poder-se-ia atenuar pelos meios de cada um conhecidos; mas como isso não é verdade e a verdadeira causa está na posse privada da propriedade em uns poucos, quando devia